

“AMOR É ASSUNTO DE MULHER”: RELAÇÃO DE GÊNERO E EMOÇÕES EM LETRAS DE RAP”

Sandra Mara Pereira dos Santos
soul_mara@yahoo.com.br
PPGCSO-UNESP
Doutoranda

Analiso que na questão de gênero no *rap* nacional existe uma quantidade de cantores do sexo masculino bem maior que o número de mulheres cantando *rap* no Brasil. Além disso, observei a frequente associação realizada pelos *hip-hoppers* entre amor conjugal e a mulher. Para refletir sobre diferenças e desigualdades no *rap* nacional, analiso a concepção de amor conjugal relacionada com a questão de gênero. Estudar o modo como esse tipo de amor é pensado no *rap* revela os motivos pelos quais existem desigualdades na quantidade e nas práticas sociais desses compositores no *rap* brasileiro. Nesta pesquisa interpreto letras de *rap* sobre esse tema e realizo diálogos informais sobre amor conjugal via *facebook* com cantores e cantoras de *rap* do Brasil; e ainda desenvolvo pessoalmente entrevistas com somente cantores(as) de *rap* do Estado de São Paulo.

Palavras-Chaves: Relação de Gênero, Emoção, Amor Conjugal, *Rap*

INTRODUÇÃO

Existe em muitos países o movimento *Hip-Hop*³⁴⁷. Este é o nome de uma cultura juvenil. Tal movimento engloba basicamente a música (*rap*), a dança (*break*) e o grafite (arte visual). Também existem jovens das periferias do Brasil, que constroem músicas conhecidas como pertencentes ao gênero musical do *rap*.

Observei no site www.hiphopmulher.com.br, em vídeos de *rap*³⁴⁸ na *internet*, nos shows, nas entrevistas e em diálogos informais realizados via *facebook* com cantores e cantoras de *rap*, que a quantidade de homens cantores de *rap* no Brasil é consideravelmente maior que o número de mulheres. Em conversas via *facebook* e nas entrevistas realizadas com as *MC's*, essas cantoras deixaram transparecer que quando elas procuram inserção neste cenário musical enfrentam preconceitos de gênero. Há nesse estilo musical a reprodução de hierarquias através de sexo de uma pessoa, todavia também existe a elaboração de estratégias

³⁴⁷*Hip-Hop*: nome dado a cultura adolescente originária dos guetos negros norte-americanos, contendo elementos como o *rap* (música), o *break* (dança), o grafite (desenho).

³⁴⁸O *Rap* é criado e cantado pelos *Rappers* ou *MC's*. Quase não existe intérprete no *rap*, assim o compositor de uma letra é o próprio cantor da música.

socioculturais para conquistarem reconhecimento artístico no *rap*. Além disso, essas cantoras ainda constroem comportamentos, escolhas e ações para transporem formas de poder presentes entre homens e mulheres.

Para refletir sobre a quantidade e a atuação das mulheres e dos homens no *rap* nacional, escolhi analisar as representações de amor heterossexual nas relações conjugais nesse estilo musical. Desta forma, discuto neste texto as concepções do amor conjugal existentes nas letras de *rap* e nos discursos dos cantores(as) de *rap*, nesse enfoque de estudo sobre o amor e relações sociais com a questão de gênero, pois penso que tal enfoque revela a reprodução de hierarquias, as mudanças, as estratégias e resistências da feminilidade perante o masculino. Também analiso o modo como a inferiorização da emoção amor nas falas dos *rappers*, mostram como a mesma e a razão contribui na construção das identidades de feminino e masculino, bem como na tensão social existente na relação de gênero no *rap* nacional.

RELAÇÃO DE GÊNERO NO RAP

Nos shows e demais eventos de *rap*, nos quais eu realizei pesquisa de campo na cidade de Marília, localizada no centro-oeste do estado de São Paulo, havia poucas moças, tanto na plateia, como nos palcos atuando como cantoras. Também acompanhei o modo como as letras de *rap* possuem muitas temáticas que fazem parte de um discurso e reflexão ampla contra o preconceito racial e social. No entanto, nessas letras há pouca referência sobre os problemas vividos pelas mulheres das periferias e sobre outros temas associados à elas, como por exemplo, crimes passionais, ciúmes e amor conjugal, tratarei apenas desse último sentimento. Ainda observei que no campo do *rap*, a questão da menor quantidade e da participação da mulher, são assuntos de menor relevância para tais cantores(as).

Interpreto que no *rap* existe pouca a pouca reflexão sobre a relação homem e mulher na produção dos *raps*. Penso que essa diferença na proporção numérica e de escolhas em um rol de hierarquia dos temas a serem cantados nas letras de *rap* é uma das expressões sociais da relação de gênero, que homens e mulheres vivem no cenário do *rap* nacional. Esses conflitos podem ser compreendidos com o auxílio das discussões presentes na relação de gênero. Esse

conceito possui discussões específicas que ajudam a entender a pouca participação das mulheres no *rap*. Ainda vejo que está relacionada a questão de gênero as reflexões sobre masculino e feminino, nesses dois últimos conceitos o amor no *rap* é utilizado pelas pessoas para construírem suas identidades na relação de gênero.

Penso que nessa relação entre os homens e as mulheres o amor conjugal é usado para construção de identidades de feminilidade e masculinidade, assim ele é um dos sinais diacríticos para sinalizar as diferenças entre os homens e as mulheres. E tal emoção permite aos agentes construir suas relações identitárias. Por fim, analiso que a representação de amor conjugal auxilia na construção das identidades dos agentes, e nas suas preferências afetivas para se diferenciarem dos outros estilos musicais.

Na problemática sobre a construção de identidade através das emoções, é pertinente refletir sobre a identidade gênero, isso porque tal discussão permite uma compreensão da questão numérica e simbólica da mulher e do feminino no *rap*. Dessa forma, inicio a discussão sobre a relação de gênero em algumas autoras. A primeira delas é Linda Nicholson (2000).

Segundo Linda Nicholson (2000), no final dos anos 60 a categoria usada para diferenciar o masculino do feminino era o “sexo”, ou seja, a biologia do corpo. O feminismo dessa época teve que lidar com esse tipo de concepção e pensar nas distinções sociais entre os homens e as mulheres. Por isso, essa autora apresenta que o “sexo” esteve e ainda permanece atrelado as discussões e visões sobre o masculino e o feminino. Linda Nicholson (2000) analisou ainda, que em contextos sociais e históricos diversos, as concepções de homem e de mulher, de feminino e de masculino podem ter sentidos diferentes.

A partir da década de 70 nos Estados Unidos e final dos anos 80 no Brasil, as pesquisas sobre as mulheres deixaram de ser estudadas isoladamente e passaram a ser relacionadas com os homens. A categoria de gênero começou a ser usada para pensar a mulher em relação ao homem. Assim, essas pesquisas introduziram a perspectiva das diferenças sociais entre os homens e as mulheres como distinções relacionais (Kaslsing, 2008; Soihet,1986; Linda Nicholson,2000).

Henning (2008) estudou nos textos de Scott (1990), a existência de uma separação entre o sexo (natureza) e gênero (cultura). O gênero seria o resultado dos significados sociais dados para os sexos das pessoas. No entanto, Butler (2003) questiona uma separação binária entre os conceitos de sexo e gênero. Essa autora argumenta que o sexo também é uma criação de alguns discursos sociais, os quais foram formados no campo da medicina, da política e outros; em outras palavras, assim como a categoria gênero, sexo também é derivado de uma construção social. Dessa forma, o corpo ou o “sexo” não é um meio passivo, no qual são depositados os significados culturais, que são denominados de gênero (Butler, 2000; 2003). Assim, essa autora propõe considerar nas discussões de gênero a matéria e a realidade do corpo. De acordo com essa autora, a discussão de gênero também engloba a biologia do corpo e os significados culturais conferidos e assumidos e pelo corpo sexuado. Segundo Butler (2003), a partir de alguns estudiosos como Foucault (2001), o estudo de gênero é conduzido por uma crítica genealógica, que consiste em não buscar uma sexualidade essencializada nas pessoas, mas as implicações políticas, as quais permeiam a temática de gênero.

A pesquisa de campo que realizo com cantores(as) de *rap* do Estado de São Paulo, me propiciou ver que tais compositores de ambos os sexo reproduzem a pouca reflexão sobre o amor conjugal no *rap*. Analiso que isso ocorre porque eles naturalizam o lugar do amor nesse estilo musical, esse espaço está dentro de uma hierarquia de temas na qual essa emoção está abaixo da razão, e, por isso, apesar das mudanças, ainda existe a reprodução da relação de poder na relação de gênero no *rap* nacional.

A emoção amor presente no *rap* é uma das referências que são usadas para construir masculinidades e feminilidades, no entanto, ela não é amplamente pensada como a desigualdade material. Dessa maneira, não reconhecem que o amoré formado e atua nas relações humanas, e, por isso, ele também contribuiria para uma compreensão dessa relação de poder no mundo do *rap*. O não questionar a menor presença do amor conjugal no *rap* reproduz relação de desigualdade nos elementos diacríticos, como por exemplo, o amor e seu opositor, a razão, os quais compõem o feminino e o masculino no *rap*.

A identidade de gênero é relacional porque se cria na diferença e também é baseada na escolha de sinais culturais. Assim, podemos ter uma mulher (sexo) e em termos de gênero,

ou seja, referências sociais assumidas por corpos diferentes, que na vida pública assume ou escolhe cargos na política, veste roupas uniformizadas com expressões sérias, dirige ônibus, coordena e chefia equipes, paga as próprias contas e é bastante independente, tornando-a possuidora de símbolos de masculinidade. E, além disso, essa mesma pessoa ainda pode utilizar outras construções sociais com o mesmo corpo (sexo), pois ela pode na vida íntima gostar de ser passiva, pintar as unhas de rosa ou vermelho claro, de decorar a casa, de ser delicada, de usar shorts curtos, e saias, assim ela vive alguns dos símbolos de feminilidade. Nessa perspectiva de análise temos uma interação e identidade de gênero e não apenas de sexos. E é com essa referência que venho estudando a questão de gênero com a emoção.

Na relação de gênero analiso que o amor conjugal é eleito socialmente como sinal cultural para a feminilidade, mas como já refleti aqui o “feminino” pode estar em uma pessoa do sexo de homem, e mesmo assim o amor continua significando feminilidade. Dessa maneira, minha crítica não é para o gênero enquanto demarcador de diferenças culturais e construtor de identidades, e sim para o papel que o amor feminino possui na relação de gênero no *rap* nacional, pois ele é usado por muitos cantores(as) para criar desigualdade e relação de poder.

A participação de homens e mulheres no *rap* nacional é analisada no seu aspecto de modo de ser, ou seja, em sinais culturais assumidos por tais pessoas, que as colocam na relação de gênero; nesse modo de ser há o enaltecimento do “pensar”, organizar e sistematizar. Em meus estudos sobre as letras de *rap*, conversas informais e entrevistas com cantores(as) analiso que o pensar racionalmente demarca diferenças, mas também desigualdade ou inferiorização das pessoas. Dessa maneira, vejo que o “pensar” é a razão, a qual é usada para construir essa masculinidade, e a emoção amor representa o feminino, que não transforma as pessoas das periferias. Segundo muitos *rappers* e cantoras o *rap* é para criticar a desigualdade social, e para o enfrentamento desse tipo de violência é útil uma forma de atuar socialmente: o modo de ser masculino ou a razão, e não o feminino ou o amor.

AMOR CONJUGAL NO RAP

Para refletir sobre o amor no *rap* é relevante discutir o modo como alguns autores pensam sobre essa emoção, por isso, estudei uma análise de Bauman(2004)sobre um dos diálogos de Platão: “O banquete” (1999). Desse diálogo Bauman (2004) utiliza algumas concepções sobre as qualificações ou atributos sobre o amor, tais concepções estão presentes no diálogo “O Banquete” de Platão. Penso que o autor do livro “Amor Líquido” ao utilizar tal forma de visão filosófica sobre o amor , nos mostra o modo como esse sentimento foi concebido de outras formas na Grécia Antiga, e ao ilustrar essas diversas maneiras de pensar o amor, o autor desse livro consegue realizar uma crítica para uma representação e prática de amor existente na modernidade: o amor líquido.

Utilizo a reflexão de Bauman(2004), que é o de olhar para o amor em uma época diferente da nossa temporalidade, porque tal discussão me ajuda a entender as concepções de amor no *rap*. Apesar da distância histórica entre os textos sobre amor de Bauman (2004) e Platão (1999), o tema amor é algo comum na Grécia Antiga e também no período a partir do século XIX. Período esse que Bauman (2004) chama de modernidade, isso devido a constituição de práticas políticas, econômicas e filosóficas no mundo ocidental.

Bauman(2004) cita em seu livro “ O amor líquido” algumas ideias presentes no diálogo “O Banquete” de Platão. Esse diálogo é um texto que esse filósofo dedica somente para pensar sobre a natureza, as qualidades e os defeitos do amor. Enxerguei em uma citação no livro de Bauman(2004) sobre esse filósofo grego, visões semelhantes com as concepções de amor na sociedade atual e no *rap*, e, por isso, visualizei relevância em ler esse diálogo e apresentar neste texto suas principais discussões sobre amor. Assim, apresento abaixo as seguintes reflexões em Platão (1999) sobre o amor, e em seguida, volto ao autor do livro “Amor líquido” e ao *rap* com o modelo de amor desse filósofo para desenvolver as análises sobre amor e relação de gênero no *rap*.

No diálogo “O Banquete” de Platão ele apresenta na fala de outros personagens, a crença que o amor é um DEUS (Eros), mas para o próprio Platão o amor não é humano e nem divino, o amor é um SER intermediário entre essas duas dimensões: divina e humana.

Para o autor do parágrafo acima o amor é uma atividade na qual envolve a criação de sentimentos de força e carência, busca do belo e da alma, que para ele essas virtudes

compõem a verdade, assim o amor não nasce belo, mas na busca pelo outro ser humano, pode tornar-se belo e atingir a alma. Todavia, isso só será possível com o uso da razão e do intelecto humano.

O diálogo “Banquete” de Platão (1999) constitui-se basicamente de um conjunto e discursos de poetas da época de Platão(c.428-349 a.C.), nos quais encontra-se definições de amor, bem como suas qualidades e problemas que o amor gera para os seres humanos. É relevante sabermos que tais discursos compõem a filosofia platônica, essa é mais uma inspiração do que propriamente uma sistematização no modelo da ciência moderna. Visto que na época de Platão a busca por explicações da origem do que existia e dos acontecimentos entre as pessoas era através de mitos e lendas, e não do modo como utilizamos os métodos e visões presentes na ciência nos tempos atuais.

No “Banquete” o amor possui alguns significados, como por exemplo, sabedoria e determinação para buscar pelo ser amado. Essas virtudes devem ser usadas para encontrar o amor no outro e nunca sozinho. Na visão platônica a pessoa sozinha não se satisfaz como ser humano, ela não é feliz, pois isso apenas é possível na conjugalidade. A partir dessa reflexão em Platão(1999), analiso que tal conjugalidade é um projeto consciente de um encontro e uma construção afetiva permanente com um “outro”, e nunca um “individualismo afetivo”.

Na concepção platônica somente após uma pessoa encontrar a outra que foi criada para amá-la, que ambas poderão usufruir das qualidades do amor. A partir da minha leitura dessa concepção, analiso que os atributos positivos do amor não são construídos pelas pessoas sozinhas durante sua vida, e quando elas decidem buscar um relacionamento elas procuram alguém para dar essas qualidades do amor. Essas qualidades nunca são construídas sozinhas, assim a pessoa que constrói as qualidades do amor sozinha não usufruirá de um amor que lhe trará felicidade, e sim de qualidades ilusórias que ela acredita ser o amor; pois de acordo com o amor em Platão (1999) só é possível usufruir do amor a dois e nunca sozinho. O amor para esse filósofo é como em um banquete, no qual somente conjuntamente acontece a complementariedade de sentimentos humanos, assim não existe o desenvolvimento e a realização de um banquete com uma única pessoa, assim é o amor: conjugal e não individual.

No início do diálogo “ O Banquete” certo personagem pergunta o motivo pelo qual não se discute e elogia o amor, como faziam com outros temas, pois nesse banquete as pessoas presentes estavam elogiando tudo, menos o amor. Dessa forma, inicia-se nessa narrativa uma discussão sobre a natureza dessa emoção. Tal emoção aparece com as seguintes características: um desejo do divino (Eros - um dos primeiros deuses) e do humano, rico e pobre (falta), bom e belo (Afrodite), pobre, duro, seco, corajoso, caçador, e ávido de sabedoria. O Amor ainda seria filho da pobreza com o recurso (sabedoria) e, por isso, divino e humano. Para a compreensão da realidade na época de Platão (1999) não havia ênfase na separação ou divisão entre divino e humano, como existe nos dias atuais.

A divisão das dimensões da vida e da realidade social está presente na representação sobre a origem do amor no cenário *dorap*, mas nem sempre está presente em todo o desenvolvimento da conjugabilidade, ou seja, na construção do relacionamento conjugal. Para *MC's* e cantoras de *rap*, principalmente para os mais velhos, os valores do amor devem ser praticados pelo casal, só assim eles e elas acreditam que o amor pode ser vivenciado pelas duas pessoas. Nessa fase a criação do amor está nas mãos do casal e não do biológico ou do cósmico, como está na primeira fase dessa emoção.

O amor no *rap* nacional pertence a fases e dimensões da vida diferentes umas das outras. Todavia em Platão (1999) ele não pertencia as fases da vida, ele está em todos os momentos da vida e com as mesmas influências do divino e do humano, e sem divisão desses dois mundos. Mas, no *rap* existe sim a divisão do amor em etapas e sobre quem controla o amor e de onde ele vem. Assim, nesse estilo musical analiso atualmente em minha pesquisa, que ora o amor é o biológico ou cósmico(primeira etapa) e ora é o ser humano(segunda etapa).

Nos estudos sobre o desenvolvimento do pensamento ocidental após o século XIX, vemos que a divisão da realidade social para ser pensada foi construída ao longo do pensamento ocidental moderno. Desta forma, a concepção sobre as qualidades do amor, suas funções, o que ele propicia, e o que deve ser feito dele, são frutos de uma visão de mundo que fragmentou a realidade humana. Isso com a finalidade de explicá-la e estudar o que pensamos, como agimos e o que sentimos. Tal modo de conhecer a realidade por meio das separações de

corpo, mente, emoções, espiritualidade é chamado nas ciências sociais de especialização do conhecimento no mundo ocidental moderno. Esse fato também que ocorre nos pensamentos sobre o amor conjugal entre os cantores(as) de *rap* no Brasil.

Os *rappers* e as *MC's* dividem e fragmentam o amor e o modo como usá-lo, conhecê-lo e relacionar-se com outras pessoas em sua vida, porque essa forma fragmentada de pensar e viver as emoções está no pensamento ocidental moderno. E como esses artistas formaram-se como sujeitos em uma sociedade que tem como referência de viver esse modo de fragmentação, tal modelo compõe a visão de mundo desses artistas.

Devido a especialização do conhecimento que também está no *rap* nacional, a concepção na qual o amor é como uma troca de valores em comum entre duas pessoas e criados pelos seres humanos, convive paralelamente com uma outra ideia, a de que o amor também tem influência do cósmico ou espiritual.

Antes de fazer pesquisa de campo, minha hipótese inicial de pesquisa era que existia uma única visão de amor no *rap*, na qual havia a ideia que esse sentimento ficava estático, e, portanto, ficasse sempre na mesma dimensão da realidade humana. Mas, durante minha pesquisa de campo me surpreendi ao analisar que no *rap* há mais de uma visão sobre o amor, as quais convivem paralelamente no tempo e espaço e de modo flexível: o amor conjugal está no cósmico, que fez o biológico e no profano(há uma clara separação entre biológico ou natureza-cósmico- e cultura), e não apenas no cósmico e no irracional como eu imaginava. Esse último está mais no feminino e é controlado pela razão, essa é construída e exercitada pelos humanos e pelo masculino. Tal modo de pensar reproduz a hierarquia por meio amor amoroso entre homens e mulheres no *rap* nacional.

CONCLUSÃO

Analisei neste texto a concepção de algumas emoções de muitos *rappers e MC's*, na qual a mulher/feminino não possui requisitos válidos para questionar e lutar contra as violências derivadas da desigualdade social. Segundo tais cantores(as) para enfrentar-se esse tipo de violência, existe entre eles(as) a ideia que é mais útil uma forma de atuar socialmente: o modo de ser masculino.

Observei o modo como não é oferecido no cenário do *rap* muito espaço para outras formas de ser e expressão das emoções, e que podem questionar a estrutura social vigente e demonstrar

diferentes opções de relações sociais, modo de ser pessoal e político, como por exemplo, o amor amoroso. Esta emoção é pensada no *rap* como sendo incontrollável pelo feminino e dominada pelo homem/mulher(masculinos), isso porque ele possui a racionalidade natural de seu sexo.

No *rap* ocorre uma separação da realidade social na esfera do público e do privado do pessoal e do social, cantores e cantoras relacionam questões do espaço público, mas deixam de fazer essa relação com outros espaços e categorias da vida. E, além disso, eles também dividem o amor conjugal em duas principais etapas da vida: biológico ou cósmico e razão ou humano.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. 2004. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humano. Rio de Janeiro: Zahar.
- BUTLER, Judith. 2003. Problemas de Gênero:feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, Judith. 2000.“Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo.” In.:Guaciara Lopes Louro(org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica. pp.50-65.
- FOUCAULT, Michel. 1993. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal.
- NICHOLSON, Linda. 2000. “Interpretando o Gênero”. Estudos Feministas, Florianópolis, (v,8;nº2):9-41.
- SCOTT, Joan. 1992.“História das Mulheres”. In.: BURKE, Peter.(Org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp.p.63-95.
- BRETON, David Lê. 2009.As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- ELIAS, Norbert. 1994.O processo civilizador: uma história dos costumes.Vol1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- REZENDE, Claudia. B; COELHO, Maria C. 2012. Antropologia das Emoções. Rio de Janeiro: Editora.
- PALEIKAT, Jorge; COSTA CRUZ, João; TANNERY, Paul. 1999. Platão, 427-347 a Diálogos I: Mênon, Banquete, Fedro. Rio de Janeiro: Ediouro.